



RENOVAR REDENTOR



Paróquia do Redentor
Igreja Lusitana
Católica Apostólica Evangélica

Junho 2023

SEU DISCÍPULO



<https://www.acolhedores.com/>

Presidência dos Cultos

Junho

04 - Presbíteros Carlos e Pedro

11 - Leigo José Alexandre

18 - Presbítero Carlos

25 - Presbítero Pedro

Aniversários

02 – Rui Pedro Soares

07 – Fernando Miguel Neves

08 – Luís Filipe Gomes

11 – Joana Grifo

12 – Abilene Fischer

17 – Márcio Silva

19 – Jorge Henrique Fernandes

19 – Eduarda Arbiol

19 – Andreia Gonçalves

22 – Maria Emília Silva

22 – Cristina Graça

23 – Luísa Fernandes

PARABÉNS!
QUE A GRAÇA DE
MAIS UM ANO DE
VIDA ENCHA O
SEU CORAÇÃO DE
FELICIDADE E FÊ!

Oremos pelos Doentes



Ó Jesus, manso e humilde de coração, nós te louvamos e agradecemos porque, sem cessar, fazes maravilhas em favor do teu povo sofrido. Tu, que és a medicina para todos os males, alivia os sofrimentos e cura as feridas de quantos padecem da alma e do corpo. Ó Senhor, fonte de amor e compaixão, consola os aflitos e alimenta a esperança dos que perderam a alegria de viver. Tu, que és o autor da vida, ensina-nos a valorizar e promover a saúde e concede-nos o dom de visitar e animar os que vivem no abandono e na solidão. E a nós, que em ti confiamos, ajuda-nos a transformar a situação de miséria e dor de tantos irmãos e irmãs que sofrem. Amém.

Domingo da Trindade - 04 de junho

Carlos Duarte, Presbítero

S. Mateus 28,16-20

O Povo de Israel aprendeu a adorar ao Deus único, com o testemunho que receberam do patriarca Abraão, e dos ensinamentos da Lei dada a Moisés, reafirmados nas palavras do livro do Deuteronómio: fixem bem na memória que o Senhor é o único Deus que existe, tanto no céu como na terra e não há outro (4, 39).

Com o nascimento de Jesus, Deus revelou-se na pessoa do Filho. O Evangelista Mateus diz-nos: assim que foi batizado, Jesus saiu da água. Nesse momento, abriram-se os céus e ele viu o Espírito de Deus descer sobre ele, como uma pomba. E uma voz do céu dizia: este é o meu Filho querido (3, 16-17).

Na noite em que Jesus instituiu o Sacramento da Santa Comunhão, anunciou que enviaria um outro consolador, o Espírito de verdade (João 14, 16).

E ainda em Mateus (28, 19) lemos Jesus ordenando aos seus discípulos: portanto, vão e façam com que os povos se tornem meus discípulos. Batizem as pessoas em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Embora não encontremos na Bíblia expressamente a palavra Trindade, a Igreja introduziu esta palavra para anunciar o Deus único revelado nas três pessoas: a do Pai, a do Filho e a do Espírito Santo.

A divulgação do Deus único revelado em três pessoas, levou ao aparecimento do Credo de Santo Atanásio, para que os cristãos mantivessem a sua fé no Deus único, também adorado pelos judeus, mas revelado pela pessoa do Filho Jesus, que os judeus não aceitaram como Filho de Deus, e na pessoa do Espírito Santo, que para além de ter sido observado em forma de pomba no batismo de Jesus, desceu em forma de línguas de fogo sobre os discípulos que, depois da ascensão de Jesus, se encontravam todos reunidos no dia da Festa do Pentecostes.

Os judeus também não aceitam a pessoa do Espírito Santo, apesar de nos livros do Antigo Testamento haver referências ao espírito. A sua fé fundamentada no Deus único, leva-os a não reconhecer a pessoa do Espírito Santo.

Para os cristãos a evidência da revelação do Espírito está na transformação verificada no comportamento dos discípulos que receberam o dom do Espírito no dia de Pentecostes. É a chegada do consolador prometido por Jesus.

Voltando ao Credo de Santo Atanásio convém reter algumas das afirmações essenciais: adoramos a Deus em Trindade, e a Trindade em Unidade, sem confundir as pessoas e sem dividir a Substância. Porque



uma é a Pessoa do Pai, outra a do Filho e outra a do Espírito Santo. O Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus. Não são três deuses mas um Deus. Nas nossas liturgias citamos muitas vezes “Em nome do Pai, do Filho e de Espírito Santo”. Que os cristão ao citarem a Santíssima Trindade o façam como afirmação de fé no Deus Único revelado na Pessoa do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Ação de Graças pela instituição da Santa Comunhão

08 de junho

José Manuel Santos

S. João 6,51-58

Depois de Se apresentar como "o pão vivo que desceu do céu" para dar aos homens a vida definitiva Jesus identifica esse "pão" com a sua "carne". A palavra "carne" (em grego: "sarx") designa a realidade física do homem, na sua condição débil, transitória e caduca. Ora, foi precisamente na "carne" de Jesus - isto é, no seu corpo físico - que se manifestou, em gestos concretos, a sua doação e o seu amor até ao extremo. Na realidade física de Jesus, Deus tornou-Se presente e visível no meio dos



homens, mostrou a sua vontade de comunicar com os homens e manifestou-lhes o seu amor. É esta "carne" (isto é, a sua vida física, o "lugar" onde Deus Se manifesta aos homens e lhes mostra o seu amor) que Jesus vai dar a "comer" para que o mundo tenha vida.

Quando Jesus Se apresentou como "pão vivo descido do céu para dar a vida ao mundo", os judeus entenderam que Jesus pretendia ser uma espécie de "mestre de sabedoria" que trazia aos homens palavras de Deus (também isso, eles tinham dificuldade em aceitar; mas, pelo menos, entendiam aonde Ele queria chegar)... Mas agora Jesus fala em "comer" a sua carne. O que significam as suas palavras? São palavras difíceis de entender, se não nos colocarmos numa perspectiva eucarística; e, por isso, os judeus não as entendem... Para a comunidade de João, contudo, as palavras de Jesus são claras, pois são entendidas tendo em conta a celebração e o significado da Eucaristia.

Na sequência, Jesus reitera a sua afirmação, desta vez com mais desenvolvimentos: Ele não só vai dar a "comer" a sua carne, mas também a beber o seu sangue; e quem os aceitar recebe vida definitiva. A referência ao "sangue" coloca-nos no contexto da paixão e da morte. Dizer que Jesus é "carne" significa que Ele Se tornou pessoa como nós, assumiu a nossa condição de debilidade, aceitando passar, até, pela experiência da morte. Dizer que o pão que Ele há-de dar é a sua "carne para a vida do mundo" significa que Jesus fez da sua vida um dom, uma "entrega" por amor aos homens; e que o momento mais alto dessa vida feita "dom" e "entrega" é a morte na cruz.

"Comer" e "beber" significam, neste contexto, "aderir", "acolher", interiorizar", "assimilar". Jesus não está a falar da sua "carne" física e do seu "sangue" físico... Está a pedir, simplesmente, que os seus discípulos acolham e assimilem essa vida de amor, de dom, de entrega, que Ele mostrou na sua pessoa (isto é, nos seus gestos, no seu amor, na sua doação aos homens) e que teve a sua expressão mais radical na cruz, quando Jesus, por amor, ofereceu totalmente a sua vida, até à última gota de sangue. Quem "acolher" e "assimilar" esta vida e aceitar viver da mesma forma - no amor e no dom total da vida, até à morte - terá vida plena e definitiva.

<https://www.dehonianos.org/>

10º Domingo Comum - 11 de junho

Rafael Coelho

S. Mateus, 9, 9-13

No seu "recrutamento" de discípulos (como hoje modernamente se diz), Jesus não olhou à aparência, nem à profissão, nem à quantidade de dinheiro nos bolsos de cada um. Os critérios foram apenas dois: o interior de cada um e a sua necessidade de conversão. Mateus foi um desses. Publicano, cobrador de impostos, cidadão mal visto, porque geralmente eram acusados de ficar com o dinheiro dos cidadãos, Jesus



viu nele um futuro perfil de Apóstolo.

Todos somos pecadores, cobradores de uma justiça deturpada que impomos aos outros e de que nos achamos os supremos juízes. Mesmo que vivemos na ilusão de que temos boa fama

e de que somos moderadamente justos. Ou sobretudo quando vivemos nessa ilusão.

Senhor, obrigado por ainda assim me pedires para entrar em minha casa sempre que vires a porta minimamente entreaberta. Ajuda-me a ser digno(a) da tua misericórdia, a reconhecer-me pecador(a), a tomar o meu lugar à essa mesa onde Te sentas, lado a lado com os que erradamente considero injustos e indignos e que são, afinal, em tudo meus irmãos e meus semelhantes. Todos partilhamos as falhas, mas todos partilhamos a filiação.

Jesus não tem vergonha, nem hesita em ir ter com todo o tipo de pessoas, incluindo publicanos e "gente de má fama"... acontece o mesmo comigo? Aproximo-me dos que podem necessitar de mim, ou simplesmente passo à margem?

Mateus responde sem hesitar ao convite de Jesus "vem comigo"... E eu? Costumo ser disponível para fazer o bem? Ou vence-me a preguiça, o calculismo, a hesitação?

"O que quero é misericórdia e não sacrifícios": assim é Deus, que ama a todos e não só os "justos" e os que "merecem"... São muitas vezes os frágeis que melhor recebem Jesus, porque sabem melhor que precisam d'Ele... o que é que isto diz à minha vida? Preocupo-me em dar a conhecer Deus aos que d'Ele estão mais distantes? Sinto a obrigação de o fazer, sabendo que Deus veio para os pecadores e que a Sua misericórdia é infinita? E como está o meu perdão?

S. Barnabé, Apóstolo - 12 de junho

José Manuel Cerqueira, Leitor

João 15:12-17

“Este é o meu mandamento: que vos amei uns aos outros como eu vos amei.” O Evangelho de João destaca-se, porque há sempre momentos em que se tem que recorrer a ele para dar uma certa consistência espiritual aos outros Evangelhos. É um método que para dizer a verdade me transtorna um pouco, na medida em que a Igreja tem de lidar com o texto de cada um dos Evangelistas sem ter que recorrer a sistemas de preenchimento de “vazios” conceptuais. Mas é o que temos! Portanto, uma vez mais, sendo este ano o de Mateus, eis-nos novamente no texto de João. Este capítulo 15 é muito importante, porque Jesus insiste em não deixar perder de vista que apesar de cumprir a Lei de Moisés, tem algumas considerações para lhe acrescentar. Nenhum de nós poderá dizer de boa consciência que a Lei de Moisés não leva em consideração o amor ao próximo e a Deus. Afirmar o contrário seria recusar ver o que lá está escrito. A Lei trata do amor incondicional a Deus, mas do amor relativamente condicional ao próximo. Amo o meu próximo na medida em que ele não me aborrece muito. Deus não me incomoda, mas o meu próximo pode incomodar-me por qualquer motivo até bastante mesquinho. O Mandamento do amor em Jesus coloca tudo ao inverso! Ou seja, Deus incomoda-me porque me exige atitudes de amor que me custam muitíssimo. A medida do amor deixa de ser a minha opinião e passa a ser a de Deus, e que se testa no meu próximo



que está ali, na sua diferença com tudo o que me questiona. Já não sou eu que decido sobre o amor que lhe tenho, mas Deus através de Cristo. Com este Mandamento eu não amo o meu próximo por mim mesmo, pelo que eu considero, mas a referência passa a ser Cristo.

Escutamos este Mandamento para aprender a amar mesmo os que nos irritam muito e aqueles que não nos apetece nada amar. Com este Mandamento está feita de uma vez por todas a fratura entre “gostar”, “tolerar” e “amar”. Até há pouco tempo as pessoas gostavam de gatos e amavam as pessoas, mas o paradigma modificou-se, hoje “amam” gatos e “gostam” ou “toleram” pessoas. Este Mandamento faz a diferença entre amar, gostar e tolerar. Estamos num tempo em que tolerar e gostar tem sido confundido com amar. Não há nada pior do que jogos! Este é um jogo muito perigoso e está a ter um resultado fatal, o de se confundir tudo.

Pode-se morrer por falta de amor, somos limitados se apenas gostamos e indiferentes se formos apenas tolerantes. Uma coisa é certa só Cristo poderia inscrever na lei humana este mandamento. Ninguém pode amar porque é obrigatório, só podemos amar se descobirmos quem é o meu próximo, como o posso ajudar a ser completo, sabendo como é que ele é, e em que medida eu o posso fazer mais feliz, e ele a mim...

11º Domingo Comum - 18 de junho

Abilene Fischer, Presbítera

S. Mateus 9,35-10,8

Que horas são? É hora de orar para que Deus envie trabalhadores para sua seara. O texto de Mateus para o XI Domingo, nos indica o porquê: as multidões estão cansadas, abatidas como ovelhas sem pastor, a seara é grande, e os ceifeiros são poucos.

Para a enormidade da tarefa de alimentar as multidões, cuidar de rebanhos dispersos e transformar o mundo, Jesus chamou apenas 12 discípulos. Os Evangelhos não dão muita evidencia de que eles eram me-



lhores ou mais inteligentes que as demais pessoas. Ao contrário; os Evangelhos e as epístolas sugerem que os primeiros discípulos “eram tardios para entender” a mensagem, “tinham o coração endurecido”, “disputavam lugares de honra” e trancavam-se entre quatro paredes” para não sair da zona de conforto.

Parece que a qualificação ou exigência para ser discípulo era apenas ter ouvidos, pés e coração. Ouvidos para ouvir o chamado: “Segue-me”. Pés, para pôr-se a caminho, e coração para desaprender o velho jeito de ser e aprender de Jesus a ser discípulo. Como disse Paulo: “Deus escolhe as coisas desprezíveis para reduzir a nada as coisas que são alguma coisa”.

A tarefa entregue nas mãos dos doze: “Curai os doentes, ressuscitai os mortos, expulsai os demónios. De graça recebeste, de graça dai”, é a mesma tarefa entregue à Igreja na Grande Comissão. Para cumprir essa missão, não se requer muitas qualificações, não é necessário ser melhor ou mais inteligente que os demais: “Eu vos dou autoridade”, disse Jesus.

A ênfase, portanto, não recai na pessoa do discípulo nem no seu quociente de inteligência, mas no nome e autoridade de Jesus, o Cristo que

recruta, capacita o discípulo e lança a fundação da Igreja. Enquanto procurarmos outro nome e outra autoridade que não a pessoa de Cristo, a seara continuará com poucos ceifeiros, as multidões continuarão como ovelhas sem pastor e a Igreja sem autoridade para transformar o mundo.

Moisés passou 40 anos pensando que era Alguém, depois 40 anos aprendendo que era um Ninguém e mais 40 anos descobrindo o que Deus pode fazer com um Ninguém. Os discípulos, em três anos, tiveram um aprendizado mais rápido e suave. E nós, hoje, como os discípulos, aprendemos que a seara não é apenas lugar de trabalho, é também lugar de descoberta. Aqui descobrimos o que pensamos ser, o que realmente somos e o que Deus pode fazer com o pouco que somos, com o pouco que temos e com o pouco que podemos.

Natividade de João Baptista - 24 de junho

Pedro Fernandes, Presbítero

S. Lucas 1,57-66.80

Uma solenidade é a festa mais significativa que a Igreja pode estabelecer. Enquanto outros santos são lembrados com dias de festa para lembrar suas mortes, São João Batista, é homenageado com uma solenidade para lembrar tanto seu nascimento quanto sua morte.

No relato do Evangelho de Lucas, Maria, grávida, foi visitar a sua parente Isabel, que estava com seis meses de gravidez de João. Na saudação de Maria, Isabel ficou “cheia do Espírito Santo” (1, 41) e seu filho ainda não nascido “pulou de alegria” (v. 44) em seu ventre. Tanto Isabel quanto seu filho estavam respondendo à incrível realidade de estar na presença de Deus encarnado. Como resultado, tem sido comumente mantida, desde os tempos antigos, a crença de que naquele momento João foi santificado, isto é, ele foi purificado do pecado original, como se tivesse sido “batizado” no ventre de sua mãe.

Note que isso significaria que João foi liberto do pecado original no

útero e, mais tarde, nasceu sem pecado, mas não que ele foi concebido sem pecado.



Na data de seu nascimento, então, homenageamos São João Batista, que ficou cheio do Espírito Santo no ventre de sua mãe, foi escolhido por Deus para anunciar Seu Filho, viveu

uma vida modelo de santidade e foi martirizado por sua fé.

Embora nunca ofusque o Pai ou o Filho, os mistérios do nascimento de João e seu papel proeminente na vida de Cristo recebem um significado especial na Igreja.

A solenidade da Natividade de João Batista é uma das celebrações mais antigas da Igreja introduzidas tanto nas liturgias orientais (gregas) quanto ocidentais (latinas) para homenagear um santo. Há relatos de que já era celebrada publicamente no século IV.

O dia 24 de junho acabou sendo escolhido como a data da solenidade porque a Palavra nos diz que João foi concebido seis meses antes de Jesus (Lc 1, 36). Presumivelmente, então, João nasceu cerca de seis meses antes de Cristo, e o nascimento de Cristo era celebrado na véspera de Natal, 24 de dezembro.

João foi o arauto de Cristo, “uma voz que clama no deserto: ‘preparai o caminho do Senhor’” (Mt 3, 3). Mas ele também era muito mais. O Batista forneceu um modelo de santidade heroica. Ele condenou publicamente a hipocrisia e a imoralidade, chamando a todos ao arrependimento. Ele desafiou a ganância e o materialismo de sua época, seguindo uma vida de pobreza, simplicidade e abnegação que inspirou não

apenas os seus contemporâneos, mas também os pioneiros posteriores do monaquismo cristão.

Onde quer que João fosse, ele estava cercado por grandes multidões e seguidores, alguns pensavam até que ele era o Messias. No entanto, ele não se aproveitou dessas pessoas. Em vez disso, ele lhes disse claramente que não era quem pensavam que ele era, e que eles deveriam experimentar uma conversão de coração em preparação para o Messias (Jo 1, 19-27).

Quando Jesus começou Seu ministério, João enviou seus discípulos a Ele; e, depois, desapareceu em segundo plano, aceitando humildemente seu papel decrescente com as palavras: “É necessário que Ele [Cristo] cresça; e eu diminua” (Jo 3, 30). Ele se esqueceu de si mesmo e viveu para Jesus.

A mensagem de João Batista para o povo há tantos anos era que o Senhor é iminente, então, devemos estar preparados. Na solenidade da Natividade de São João Batista, a Igreja renova essa mensagem.

Adaptado de cancaonova.com

12º Domingo Comum - 25 de junho

Joaquim Armindo, Diácono

S. Mateus 10,24-33

Duas expressões de destaque deste “naco” do evangelho. Uma primeira “Nada a temer”, e a segunda “Coragem e desprendimento”. Passando por uma igualdade de todos perante Deus, quando refere que “O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do senhor”, o que traduz um violento discurso com o que se passava na época, ou ainda hoje, recorre à venda de dois passaritos – que ao tempo eram os mais baratos e insignificantes -, refere uma verdade insofismável que o Pai, não deixará cair um pássaro por mais pequenino que seja por terra sem o seu consentimento, ou que conhece quantos “cabelos existem na nossa cabeça”. Por isso exorta os seus companheiros e companheiras de



“viagem” a não terem medo, pois o Pai está com cada um e cada uma de nós. “Nada a temer”, porque Deus está connosco. Aquela alusão aos pássaros é clarividente, porque sendo eles os que valiam menos na sociedade e para a sociedade, mesmo assim estavam dentro da ordem

divina, e os homens e as mulheres que, para aquele tempo, valiam mais que os pássaros, teriam sempre a paixão d’Aquele que foi o Criador de todas as coisas.

Assim quem nada teme, também tem a “Coragem” necessária para confessar a sua paixão por toda a Criação. A “Coragem” é a solidariedade total com Jesus, por aquilo que ele proclama, o que pressupõe um “Desprendimento” de si próprio, porquanto sabe o acolhimento de Deus que não deixará que algo de mal lhe aconteça, o “Desprendimento” é entendido como uma constante não-negação, ou seja, uma não-inscrição, da nossa identidade humana. Por isso, somos verdadeiros e inscritos no “Livro da Vida”, mesmo contra os poderes económicos e religiosos ou outros.

Jesus quer dizer, creio eu, que é necessário não termos medo ou sermos temerosos, termos coragem e desprendimento, a fim de sermos fazedores da solidariedade e subsidiariedade, da paz e da justiça, que tanto carecemos. Nunca estaremos sós, mesmo no deserto da escuridão, porque a sua Palavra está sempre connosco.

S. Pedro e S. Paulo, Apóstolos - 29 de junho

Pedro Fernandes, Presbítero

S. Mateus 16,13-19

Estes santos são considerados “os cabeças dos apóstolos” por terem sido os principais líderes da Igreja Cristã Primitiva, tanto por sua fé e pregação, como pelo ardor e zelo missionários.

São Pedro, príncipe dos Apóstolos - Tinha como primeiro nome Simão, era natural de Betsaida, irmão do Apóstolo André. Pescador, foi chamado pelo próprio Jesus e, deixando tudo, seguiu o Mestre, estando presente nos momentos mais importantes da vida do Senhor, que lhe deu o nome de Pedro. Um homem simples e impulsivo. Falou, muitas vezes, em nome dos Apóstolos e não hesitou em pedir a Jesus explicações e esclarecimentos sobre sua pregação. Foi o primeiro a responder ao Mestre: “Senhor, para quem iremos? Somente tu tens palavras de vida eterna; nós acreditamos e sabemos que és o Santo de Deus” (Jo 6,67-68), diante da pergunta que Cristo fez aos discípulos: “Também vocês querem ir embora?”.

Primeiro Papa da Igreja - Em princípio, fraco na fé, chegou a negar Jesus durante o processo que culminaria em Sua morte por crucificação. O próprio Senhor o confirmou na fé após Sua ressurreição (da qual o apóstolo foi testemunha), tornando-o intrépido pregador do Evangelho através da descida do Espírito Santo de Deus, no Dia de Pentecostes, o que o tornou líder da primeira comunidade. São Pedro é o apóstolo que Jesus Cristo escolheu e investiu da dignidade de ser o primeiro Papa da Igreja. “E eu te digo: Tu és pedra e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares sobre a terra, será ligado também nos céus”.

São Pedro é o pastor do rebanho santo, é na sua pessoa e nos seus sucessores que temos o sinal visível da unidade e da comunhão na fé e na caridade.

Martírio - Pregou no Dia de Pentecostes e selou seu apostolado com o próprio sangue, pois foi martirizado em uma das perseguições aos cristãos, sendo crucificado de cabeça para baixo a seu próprio pedido, por não se julgar digno de morrer como seu Senhor, Jesus Cristo. Escreveu duas Epístolas e, provavelmente, foi a fonte de informações para que São Marcos escrevesse seu Evangelho.

Renovar Redentor

São Paulo - Saulo era natural de Tarso. Recebeu educação esmerada “aos pés de Gamaliel”, um dos grandes mestres da Lei na época. Tornou-se fariseu zeloso, a ponto de perseguir e aprisionar os cristãos, sendo responsável pela morte de muitos deles.

De perseguidor cristão à conversão - Converteu-se à fé cristã, enquanto perseguia os cristãos, no caminho de Damasco, quando o próprio Senhor Ressuscitado lhe apareceu e o chamou para o apostolado: “Saulo, Saulo, por que você me persegue?”. Recebeu o batismo do Espírito Santo e preparou-se para o ministério. Desde então, converteu-se e começou a pregar o Cristianismo, viajando pelo mundo, pregando o evangelho de Jesus Cristo e o mistério de sua paixão, morte e ressurreição.

Apóstolo das Gentes - Tornou-se um grande missionário e doutrinador, fundando muitas comunidades. De perseguidor passou a perseguido, sofreu muito pela fé e foi coroado com o martírio, sofrendo morte por decapitação. Escreveu treze Epístolas e ficou conhecido como o “Apóstolo dos Gentios”.

Adaptado de cancaonova.com



AGENDA

04

10,00h - Escola Dominical

10,30h - Culto Eucarístico, com admissões à Sagrada Eucaristia

10,30h - Oração da Manhã (gravada), via plataformas digitais ILCAE

07, 14, 21, 28

10,30h - Oração da Manhã (Ordem breve)

11,00h/14,00h - Abertura Templo/Assistência Pastoral/Atendimento geral

21,30h - Oração da Noite (Completa), via plataformas digitais ILCAE

11

10,00h - Escola Dominical

10,30h - Oração da Manhã

10,30h - Oração da Manhã (gravada), via plataformas digitais ILCAE

18,00h - Oração da Tarde (via zoom)

18

10,00h - Escola Dominical

10,30h - Culto Eucarístico

10,30h - Oração da Manhã (gravada), via plataformas digitais ILCAE

18,00h - Oração da Tarde (via zoom)

25

10,00h - Escola Dominical

10,30h - Culto Eucarístico

10,30h - Oração da Manhã (gravada), via plataformas digitais ILCAE

18,00h - Oração da Tarde (via zoom)

Dia a definir

Abertura da Loja Social c/ Oração da Manhã (Ordem Breve)

01 de julho

15,00h - Culto Eucarístico

Colação do

Presbítero Pedro Fernandes

como Pároco da

Paróquia do Redentor

Culto presidido pelo

Bispo D. Jorge,

com a presença do

Clero da Igreja

*“Tu chamaste-me
e eu aqui estou!”*

(I Samuel 3, 8)



NOTA:

Por opção editorial, o RR passará a ter, na sua edição mensal, apenas os textos de reflexão sobre o Evangelho e a Agenda.

Em quatro momentos do ano será editado um “RR Aconteceu”, dedicado exclusivamente a registar (para a História) todos os acontecimentos vividos pela Paróquia, bem como pelo Arciprestado e pela Diocese onde a participação dos paroquianos do Redentor tenha sido um facto.

A NOSSA CAPA

Jesus chama-nos a sermos discípulos em missão: “Ide”.

A nossa experiência da relação com Deus e com os outros não pode ficar trancada na vida de cada um de nós ou no pequeno grupo da paróquia. Seria como cortar o oxigénio a uma chama que arde. A fé é uma chama que se faz tanto mais viva quanto mais é partilhada, transmitida, para que todos possam conhecer, amar e professar que Jesus Cristo é o Senhor da vida e da história.

Mas, atenção! Jesus não disse “ide se quiserdes, se tiverdes tempo”. Ele disse: “Ide e fazei discípulos entre todas as nações”. Partilhar a experiência da fé, testemunhá-la e anunciar o Evangelho é o mandato que o Senhor confia a toda a Igreja, a cada um de nós. É uma ordem, sim; mas não nasce da vontade de domínio ou de poder, nasce da força do amor, do facto que Jesus foi quem veio primeiro para junto de nós e nos deu não somente um pouco de Si, mas deu-Se por inteiro, deu a sua vida para nos salvar e mostrar o amor e a misericórdia de Deus. Jesus não nos trata como escravos, mas como homens livres, amigos, como irmãos; e não somente nos envia, mas nos acompanha, está sempre junto de nós nesta missão de amor. Para onde nos manda Jesus? Não há fronteiras, não há limites: envia-nos a todas as pessoas. O Evangelho é para todos, e não apenas para alguns. Não é apenas para aqueles que nos parecem mais próximos, mais abertos, mais acolhedores. É para todas as pessoas. Não tenham medo de ir e levar Cristo para todos os ambientes, até as periferias existenciais, incluindo quem parece mais distante, mais indiferente. O Senhor procura todos, quer que todos sintam o calor da sua misericórdia e do seu amor.

Este mandato de Cristo -“Ide” – deve ressoar em todos nós, e ressoar com uma força renovada. **A Igreja precisa de nós, do nosso entusiasmo, da nossa criatividade e da nossa alegria.**

Adaptado de <https://www.dnpj.pt/>

Templo

Rua Visconde de Bóbeda

Área social

Rua Barão de S. Cosme, 223

Propriedade

Paróquia do Redentor

Equipa Redatorial

Jorge Filipe Fernandes, José Manuel Santos, Pedro Miguel Fernandes

Periodicidade

Mensal

Contactos

www.paroquiaredentor.org

redentor@igreja-lusitana.org

redentor1884@gmail.com

*O conteúdo dos diferentes artigos deste Boletim
é da responsabilidade dos seus autores,
e não representa necessariamente
a posição da Paróquia do Redentor ou da Igreja Lusitana*